

## PIB DOS SERVIÇOS CAI 0,9% NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2017

### PIB dos serviços recua 0,6%

A economia brasileira iniciou com retração do PIB de 0,6% em relação a 2016. Essa retração foi o resultado de uma queda de 3,7% na formação bruta de capital fixo e de 1,9% no consumo das famílias brasileiras. O consumo do governo também contribuiu negativamente ao recuar 1,3% em relação a igual período do ano anterior. As exportações cresceram 1,9% em termos reais, mas as importações aumentaram 9,8% nessa comparação, ocasionando uma piora no déficit em transações correntes do país.

Com esse resultado, o PIB brasileiro já recuou 7,4% desde o primeiro trimestre de 2014. Considerando o crescimento demográfico do país, que foi de 1,8% nesse período, o PIB per capita já acumulou retração de 9,1% em trinta e seis meses, o que equivale a uma taxa média de 3,1% ao ano.

Entre os setores de atividade econômica, agricultura e extrativa mineral registraram crescimento expressivos, com aumentos reais de PIB de, respectivamente, 15,2% e 9,7% entre os primeiros trimestres de 2017 e 2016. O PIB da indústria de transformação recuou 1,0% nessa comparação. A construção civil também apresentou retração de 6,3%, um resultado pior que o observado no primeiro trimestre

### PIB por setor de atividade, R\$ Bilhões

Setores de atividade	I TRIMESTRE DO ANO*		
	2016	2017	var. (%)
Agropecuária	82,62	95,17	15,2%
Extrativa Mineral	9,20	10,09	9,7%
Indústria de Transformação	141,34	139,88	-1,0%
Construção	74,00	69,37	-6,3%
Comércio	161,46	157,49	-2,5%
Financeiro	109,33	104,92	-4,0%
Serviços públicos	216,01	214,42	-0,7%
Serviços privados não financeiros	491,83	487,19	-0,9%
<b>PIB a custo de fatores</b>	<b>1.285,79</b>	<b>1.278,54</b>	<b>-0,6%</b>

### Demanda agregada, R\$ Bilhões

Componentes de demanda	I TRIMESTRE DO ANO*		
	2016	2017	var. (%)
Consumo	974,72	956,29	-1,9%
Gastos do governo	283,03	279,30	-1,3%
Investimento	240,89	269,52	11,9%
Formação Bruta de Capital Fixo	251,49	242,09	-3,7%
Variação de estoques	-10,61	27,43	-358,6%
Exportação	196,35	200,01	1,9%
Importação	196,61	215,79	9,8%
<b>PIB a preços de mercado</b>	<b>1.498,37</b>	<b>1.489,34</b>	<b>-0,6%</b>

Fonte: IBGE. (\*) Valores a preços de 2016.

de 2016, quando o PIB da construção caiu 5,0% em relação a igual período de 2015.

No primeiro trimestre de 2017, os serviços privados não financeiros observaram retração de PIB de 0,9% em razão dos resultados ruins dos setores de transportes, serviços prestados às famílias e empresas e serviços imobiliários, que tiveram quedas reais de PIB de 2,2%, 1,8% e 0,6%, respectivamente. No caso de transportes, pesou a retração da própria indústria de transformação e do comércio, cujo PIB caiu 2,5% no primeiro trimestre de 2017 em relação a igual período de 2016. Os serviços de informação, em que pesou o desempenho ruim das telecomunicações, teve uma queda menor que os demais segmentos (0,3%). A queda de PIB dos serviços privados não financeiros não foi pior porque houve recuperação das atividades no setor de energia, saneamento e gás (4,4% em termos reais).

## Balança de serviços piora

A deterioração do déficit em transações correntes do país foi seguida de uma piora na balança de serviços conforme apontam os dados do Banco Central do Brasil. No primeiro quadrimestre de 2017, o déficit da balança de serviços foi de USD 9,888 bilhões, montante maior que os USD 8,732 bilhões registrados em igual período de 2016. Assim, houve um aumento no déficit de USD 1,156 bilhão entre os dois períodos. Houve aumento de USD 1,820 bilhão das despesas dos

Fonte: BACEN. (1) Royalties e aluguel de equipamentos (2) Serviços culturais, pessoais e recreativos e demais serviços.

## Serviços privados não financeiros, R\$ Bilhões<sup>1</sup>

Abertura de serviços	I TRIMESTRE DO ANO*		
	2016	2017	var. (%)
Energia, saneamento e gás	37,49	39,15	4,4%
Transportes e logística	57,66	56,37	-2,2%
Serviços de informação	39,47	39,34	-0,3%
Prestados às famílias e empresas	226,61	222,54	-1,8%
Serviços imobiliários	130,61	129,79	-0,6%
<b>Total</b>	<b>491,83</b>	<b>487,19</b>	<b>-0,9%</b>

Fonte: IBGE. (1) Valores a preços de 2016.

## Balança de serviços, USD Milhões

Contas	I QUADRIMESTRE DO ANO		
	2016	2017	var. (%)
Transportes	-996,45	-1.306,90	31,2%
Receitas	1.543,25	1.857,09	20,3%
Despesas	2.539,70	3.163,98	24,6%
Viagens	-1.727,86	-3.535,95	104,6%
Receitas	2.320,17	2.262,93	-2,5%
Despesas	4.048,03	5.798,88	43,3%
Seguros e serviços financeiros	-222,25	-119,90	-46,1%
Receitas	490,04	488,17	-0,4%
Despesas	712,29	608,07	-14,6%
Serviços prestados a empresas <sup>1</sup>	-5.352,94	-4.521,47	-15,5%
Receitas	6.226,46	6.635,53	6,6%
Despesas	11.579,40	11.157,01	-3,6%
Serviços governamentais	-409,07	-237,85	-41,9%
Receitas	194,26	258,39	33,0%
Despesas	603,33	496,24	-17,7%
Outros serviços <sup>2</sup>	-23,47	-165,89	606,9%
Receitas	309,60	246,17	-20,5%
Despesas	333,06	412,05	23,7%
<b>Total</b>	<b>-8.732,04</b>	<b>-9.887,96</b>	<b>13,2%</b>
Receitas	11.083,77	11.748,27	6,0%
Despesas	19.815,81	21.636,24	9,2%

brasileiros com serviços prestados no exterior e pequeno aumento das receitas brasileiras com exportações de serviços a estrangeiros, as quais passaram de USD 11,084 bilhões nos primeiros quatro meses de 2016 para USD 11,748 bilhões no primeiro quadrimestre deste ano.

Esse fato reforça a ideia de que os problemas estruturais de competitividade do país estão além das oportunidades de mercado que podem surgir com um câmbio mais favorável ao exportador de serviços e uma demanda mundial mais aquecida.

Os itens que mais contribuíram para a redução das despesas dos brasileiros no exterior foram as viagens internacionais, que foram reduzidas em USD 2,860 bilhões (41,2% do total da queda de despesas dos brasileiros com serviços), e os gastos com serviços prestados às empresas, que caíram USD 2,468 bilhões (ou 35,5% do total da queda).

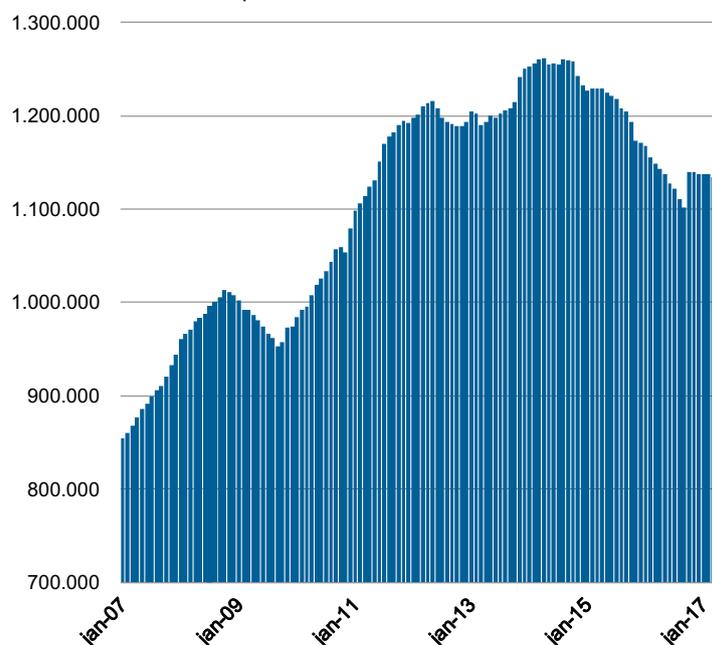
No que diz respeito ao turismo internacional, houve queda de receitas (-2,5%) e aumento de despesas (43,3%). Esses dados corroboram a visão defendida pela CNS de que é baixa a competitividade brasileira no contexto do turismo internacional.

## Desequilíbrio fiscal

As informações de abril do Tesouro Nacional dão conta de que o desajuste fiscal continuou elevado em 2017. O resultado primário do Governo Central passou de um déficit primário acumulado em 12 meses de R\$ 137,9 bilhões em abril de 2016 para um déficit primário acumulado em 12 meses de R\$ 155,3 bilhões em abril de 2017.

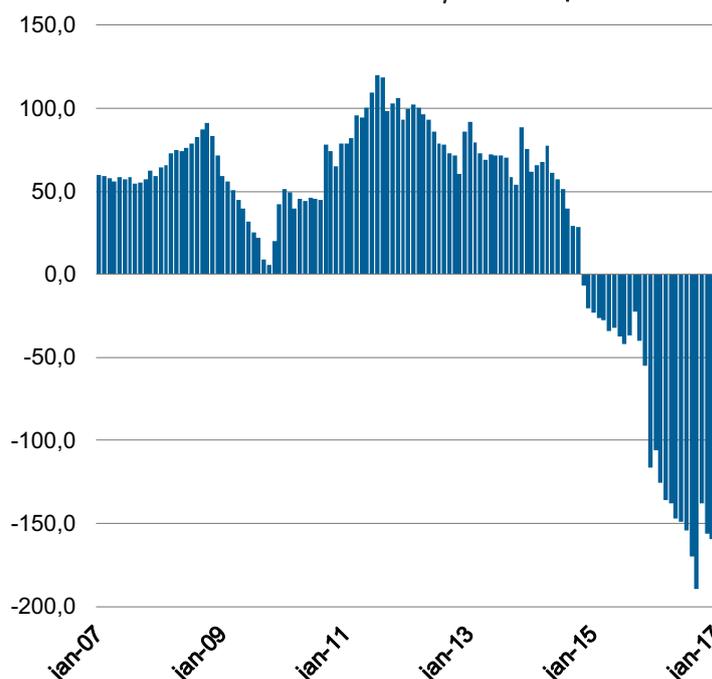
No acumulado dos primeiros quatro meses do ano, contudo, observou-se uma ligeira, mas fundamental, melhora do quadro fiscal. No primeiro quadrimestre de 2017, o resultado primário do governo central somou um déficit

## Arrecadação tributária federal em R\$ bilhões\*, acumulada em 12 meses



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional e IBGE. (\*) a preços de 2016.

## Resultado primário acumulado em 12 meses, em R\$ bilhões



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional.

de R\$ 5,644 bilhões, valor 31,5% menor que o déficit de R\$ 8,238 bilhões acumulados nos primeiros quatro meses de 2016. Isso resultou, de um lado, do crescimento nominal de 2,7% das receitas do Governo Central e, de outro, do aumento nominal de apenas 0,3% das despesas totais entre o primeiro quadrimestre de 2017 e igual período de 2016.

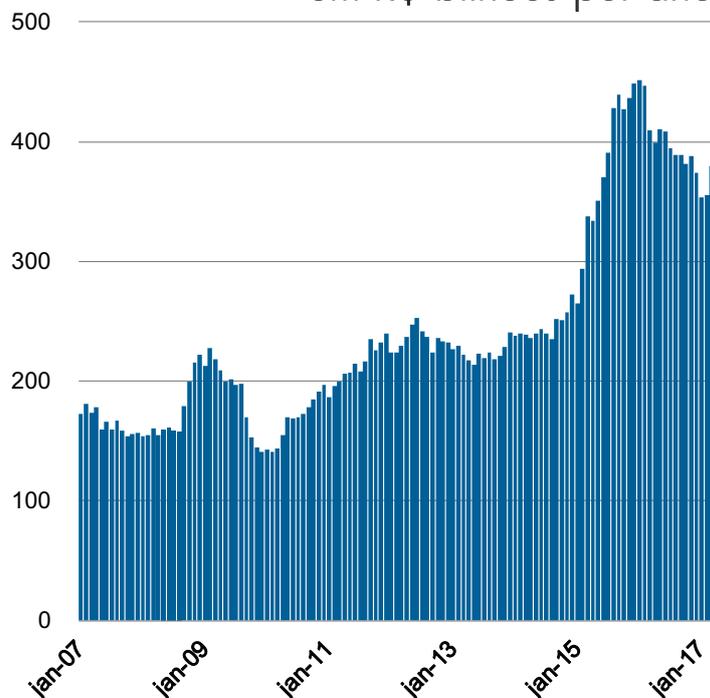
Com o déficit primário e as taxas de juros em patamares ainda elevados, cresceu sobremaneira o custo de financiamento da dívida pública. A Dívida Pública Federal em poder do público passou de R\$ 2,800 trilhões em abril de 2016 para R\$ 3,245 trilhões em abril deste ano, indicando crescimento de 15,9% em 12 meses. Apesar da redução do custo médio de financiamento da dívida, que passou de 11,16% ao ano em abril de 2016 para 10,76% em abril de 2017, as despesas com juros cresceram de R\$ 313 bilhões por ano em abril de 2016 para R\$ 349 bilhões em abril de 2017. Isso implicou um aumento de custo para o Tesouro Nacional de R\$ 37 bilhões por ano, ou seja, um aumento de custo de 11,7% com a rolagem da dívida pública federal.

## Inflação

Como abordado no Boletim de Conjuntura da CNS de março último, o ritmo de redução da inflação foi impressionante. Em abril de 2017, após vários meses de queda da atividade econômica, a taxa de variação acumulada em 12 meses do IPCA foi de 4,1%, uma taxa bem inferior à verificada em abril de 2016, de 9,3%.

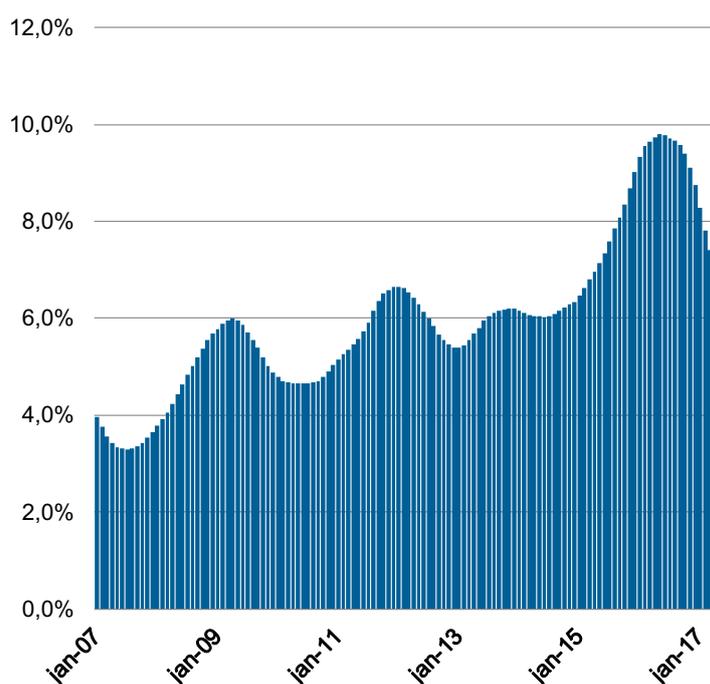
Nessa comparação, o que mais contribuiu para a queda do custo de vida foi a redução de despesas com energia elétrica, cuja queda foi de 6,4% em abril de 2017 com relação ao mesmo mês do ano anterior. As despesas com saúde e educação continuaram pressionando o custo de vida dos brasi-

### Custo da dívida pública federal em R\$ bilhões por ano



Fonte: Secretaria do Tesouro Nacional.

### Taxa de variação do IPCA em 12 meses, (%)



Fonte: IBGE.

leiros nesse início de ano. Em abril de 2017, a variação em doze meses das despesas com saúde já estava em 11,1% e a das despesas com educação, em 8,1%.

O IGP-DI registrou elevação de 2,7% entre abril de 2017 e abril de 2016. Em junho de 2016, a taxa acumulada em 12 meses do IGP-DI era de 12,3%. Para que houvesse essa redução tão rápida e drástica da inflação, além da contribuição dos preços aos consumidores, pesaram os aumentos menores dos preços no atacado, principalmente de produtos agropecuários, os quais registraram queda de preço de 6,3% entre abril de 2017 e abril de 2016.

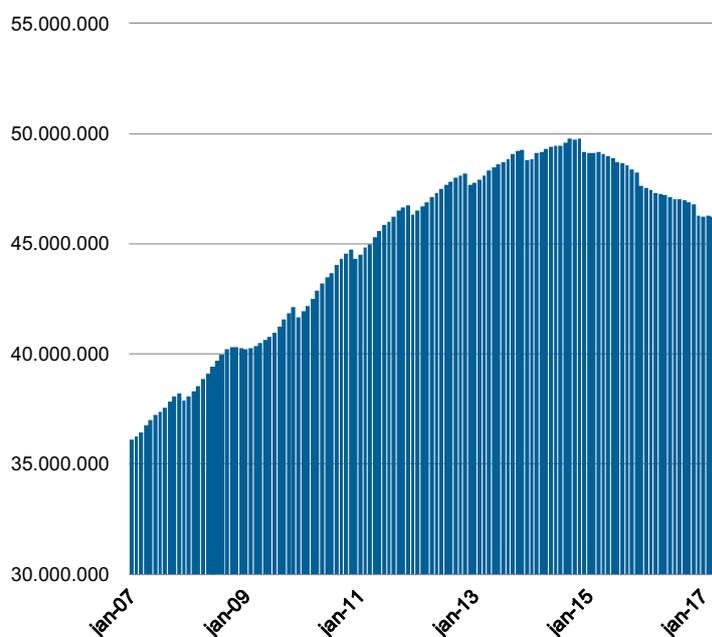
Nos serviços privados não financeiros (que não inclui serviços de saúde e educação), o comportamento de preços foi bastante variado. Na média dos setores, houve aumento de preços de 6,3% entre março de 2016 e março de 2017. Essa taxa é um pouco menor que a registrada em agosto de 2016, que havia alcançado 6,4% em doze meses, mas está acima da inflação aos consumidores.

No caso dos serviços privados não financeiros pesaram o aumento de 31,1% dos preços dos transportes aéreos entre março de 2017 e março de 2016 e dos preços dos serviços técnico-profissionais, cuja variação acumulada em 12 meses até março de 2017 foi de 7,8%. Nesses casos, pesaram os mesmos fatores que influenciaram os preços de serviços de saúde e de educação: as elevações dos custos com a mão de obra.

## Retração do emprego

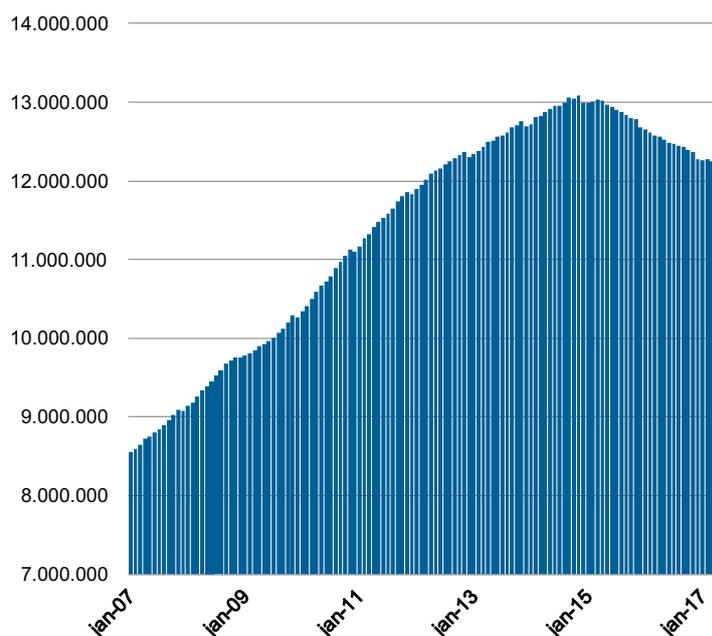
e queda diminuiu, mas a economia continua Após um longo período em que o nível de emprego no Brasil caiu acentuadamente em razão da crise econômica, o início de 2017 foi marcado pela estabilidade. Entre dezembro

## Emprego com carteira assinada em todos os setores de atividade econômica



Fonte: CNS

## Emprego com carteira assinada nos serviços privados não financeiros



Fonte: CNS

de 2016 e abril de 2017, o número de empregados com carteira assinada flutuou em torno de 46,3 milhões conforme indicam estimativas da Confederação Nacional dos Serviços feitas com base em dados do Ministério do Trabalho.

Apesar de positivo, por representar um estancamento no processo de sangria do mercado de trabalho brasileiro, esse resultado ainda aponta para um resultado ruim na comparação interanual. O nível de emprego registrado nos primeiros 4 meses deste ano ficou 2,4% abaixo do verificado em igual período de 2016. Isso indica que ainda há um longo caminho para o emprego voltar a crescer.

Nessa comparação anual, a maior retração foi observada na construção civil, cujo emprego caiu 14,3%. Nos primeiros quatro meses de 2017, a construção fechou 370,3 mil vagas em relação ao primeiro quadrimestre de 2016, um número excessivamente elevado para um setor de atividade econômica que já havia encerrado 427,6 mil vagas no ano passado. A indústria de transformação, cujo estoque de trabalhadores caiu 6,9% em 2016, também apresenta resultados ruins: entre os primeiros quatro meses de 2016 e igual período de 2017, o setor fechou 232 mil vagas. O setor de serviços, por empregar um volume grande de mão de obra, foi o maior em fechamentos de postos de trabalho, com 348 mil vagas encerradas nos primeiros quatro meses do ano.

## Serviços privados não financeiros

Os serviços privados não financeiros – que excluem a administração pública e o setor financeiro – registraram queda acentuada de emprego nos primeiros quatro meses de 2017 quando comparados com igual período de 2016. A queda acumulada no ano foi de 2,7%, com encerramento de 336 mil vagas. Apesar da queda acumulada,

o setor também apresentou tendência recente de estabilização. Na comparação com dezembro de 2016, o nível de emprego nos serviços privados não financeiros caiu apenas 0,1%.

Como observado na seção que apresentou os resultados do PIB do primeiro trimestre de 2017, as maiores perdas de renda vieram dos serviços prestados às empresas e famílias e dos serviços de transportes, dois segmentos cujas operações estão diretamente ligadas às atividades da indústria, da construção e do comércio. No segmento de serviços prestados às empresas e famílias, foram encerradas 263 mil vagas em 2016 e, no segmento de serviços de transportes, 105 mil postos de trabalho. Na comparação entre abril de 2017 e dezembro de 2016, a tendência não aparece tão distinta: os serviços prestados às empresas e famílias já perderam 26 mil postos de trabalho e os serviços de transportes, outros 5 mil.

Outro dado que corrobora o quadro de crise no setor é a evolução do faturamento. Em termos reais, as receitas dos serviços privados não financeiros caíram 4,6% entre o primeiro trimestre de 2017 e o primeiro trimestre de 2016 segundo a Pesquisa Mensal de Serviços do IBGE. Entre os segmentos analisados, vale destacar as quedas reais no faturamento dos serviços prestados às empresas, de 9,4% em termos reais, e nos outros serviços prestados às famílias, de 6,4%. Os serviços de transportes aéreos acumularam perdas reais de 14,6% entre janeiro de 2017 e janeiro de 2016. Os serviços de Tecnologia de Informação, por outro lado, tiveram crescimento real de 3,9% no acumulado do ano.

algo que continua se cogitando como alternativa de política fiscal, deve ser totalmente descartado, dado que essas mudanças fiscais poderiam acirrar a crise econômica.